

## I

Sou Juan Pablo Castel, o pintor que matou María Iribarne. Suponho que todos se recordam do processo e que não preciso de dar mais explicações sobre mim.

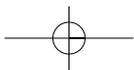
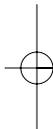
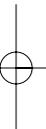
E, no entanto, nem o diabo sabe de que se devem lembrar as pessoas e da razão por que o fazem. Na realidade, sempre pensei que não existe memória colectiva, o que é talvez uma forma de defesa da espécie humana. A frase «todo o tempo passado foi melhor» não significa que menos coisas más tenham acontecido então, mas que, felizmente, nos esquecemos delas. De qualquer modo, a frase não tem aplicação universal. Eu, por exemplo, recordo de preferência os acontecimentos desagradáveis e quase poderia dizer que «todo o tempo passado foi pior», se o presente não me parecesse tão terrível como o passado. Invoco tantas calamidades, tantos rostos cínicos e cruéis, tantas acções más, que, para mim, a memória é como uma luz temerosa que ilumina um sórdido museu da vergonha. Quantas vezes não me aconteceu ficar prostrado durante horas num obscuro recanto do *atelier* depois de ter lido uma notícia na secção policial de um jornal! E a verdade é que nem sempre o lado que aí surge é o mais vergonhoso da espécie humana; até certo ponto, os criminosos são gente mais pura e inofensiva. Não faço esta afirmação por eu próprio ter morto um ser humano. É uma honesta e profunda convicção. Um indivíduo é pernicioso? Liquidasse e está o caso arrumado. É a isso que chamo uma *boa acção*. Não será pior para a sociedade que esse indivíduo continue a destilar veneno e que, em vez de ser eliminado, se pretenda contrariar



a sua acção com cartas anónimas, maledicência e outros golpes baixos do mesmo género? No que me diz respeito, devo confessar que lamento não ter aproveitado melhor o tempo de liberdade liquidando seis ou sete tipos que conheço.

Que o mundo é horrível, é uma verdade que não precisa de demonstração. Basta relatar um facto. Num campo de concentração um ex-pianista queixou-se de fome. Obrigaram-no a comer uma ratazana. Viva.

Não é, contudo, sobre isso que quero falar agora; ao assunto da ratazana só voltarei mais adiante, se vier a propósito.



## II

Como dizia, chamo-me Juan Pablo Castel. Sei que poderão interrogar-se sobre as razões que me levam a escrever a história do meu crime (não sei se já disse que vou relatar o meu crime) e, sobretudo, a procurar um editor. Conheço demasiado bem a alma humana para não prever que vão pensar que o faço por vaidade. Pensem o que quiserem: estou-me nas tintas; há muito que me são indiferentes a opinião e a justiça dos homens. Suponham, pois, que publico esta história por vaidade. Afinal sou feito de carne, ossos, cabelo e unhas como qualquer outro homem e seria injusto que exigissem de mim, precisamente de mim, qualidades especiais. Às vezes acreditamos ser super-homens, até percebermos que também somos mesquinhos, desonestos e pérfidos. Sobre a vaidade nada digo, mas creio que de ninguém está ausente esse notável motor do progresso humano. Dão-me vontade de rir os que argumentam com a modéstia de Einstein e pessoas do género; resposta: *é fácil ser-se modesto quando se é célebre*; quero dizer *parecer modesto*. Mesmo quando pensamos que a vaidade não existe em absoluto, descobrimo-la, de repente, na sua mais subtil forma: a vaidade da modéstia. Quantas vezes não tropeçamos nesse género de pessoas! Até um homem, real ou simbólico, como Cristo pronunciou palavras sugeridas pela vaidade ou, pelo menos, pela soberba. E que dizer de Léon Bloy, que se defendia da acusação de soberba argumentando que tinha passado a vida a servir indivíduos que não lhe chegavam aos calcanhares? A vaidade encontra-se nos lugares mais inesperados, lado a lado com a bondade, a abnegação e a generosidade. Quando era criança e desesperava perante a

ideia de que a minha mãe haveria de morrer um dia (com o passar dos anos acabamos por saber que a morte é suportável e pode até ser reconfortante), não imaginava que a minha mãe pudesse ter defeitos. Agora, que já não existe, devo dizer que foi tão boa como um ser humano pode chegar a sê-lo. Mas recordo como — nos seus últimos anos, quando eu já era um homem — me custava descobrir sob as suas melhores acções um subtil vestígio de vaidade e orgulho. Mas qualquer coisa de muito mais elucidativo se passou quando a operaram a um cancro. Para chegar a tempo, tive de viajar dois dias sem dormir. Quando me abeirei da cama, o seu rosto cadavérico sorriu-me levemente, com ternura, e murmurou palavras para me consolar (compadecera-se do meu cansaço). Senti obscuramente o vaidoso orgulho de ter ocorrido tão rapidamente. Confesso este segredo para que vejam que não me considero melhor que os outros.

E, no entanto, não conto esta história por vaidade. Estaria talvez disposto a aceitar que há neste meu gesto algo de orgulho e soberba. Mas porque haveremos de querer encontrar explicações para todos os actos da vida? Quando comecei este relato estava firmemente disposto a não dar explicações de espécie alguma. Tinha vontade de contar a história do meu crime e mais nada. Quem não gostasse que não lesse (apesar de não acreditar nisso, porque as pessoas mais curiosas são precisamente as que andam atrás das explicações, e penso que nenhuma perderia a oportunidade de ler a história de um crime até ao fim).

Podia reservar para mim os motivos que me levaram a escrever estas páginas de confissão. Mas como não tenho qualquer interesse em passar por excêntrico, vou dizer a verdade, que é bastante simples: pensei que poderiam ser lidas por muita gente, já que me tornei célebre. E, apesar de não ter muitas ilusões sobre a humanidade em geral e os leitores destas páginas em particular, anima-me a ténue esperança de que alguém chegue a entender-me. AINDA QUE SEJA UMA SÓ PESSOA.

«Mas porquê — poderá alguém perguntar — apenas uma ténue esperança, se o manuscrito vai ser lido por tanta gente?» É o género de perguntas que considero inúteis. E, contudo, é preciso prevêê-las, porque as pessoas fazem constantemente perguntas inúteis, perguntas que a análise mais superficial revela serem desne-

## O Túnel

13

cessárias. Poderia falar até me cansar e aos gritos diante de uma assembleia de cem mil russos: nenhum deles me entenderia. Percebem o que quero dizer?

Existiu uma pessoa que poderia entender-me. *Mas foi precisamente essa a pessoa que matei.*